

O SINDI

O gado *SINDI*, filho milenar do Gado Vermelho do Afeganistão, na descida do sul de sua expansão convertido em *Gado Nacional do Paquistão*, é bem o caso de não se confundir o conceito de *volume aparente* com o de *peso específico* e eficiência produtiva.

Seu menor porte, talvez, tenha o que ver com sua fantástica precocidade e seu rúmen, forjado nos pré-desertos da Ásia, converte melhor o material fibroso do mundo tropical cheio de sol, em leite rico e carcaça de ossos finos bem coberta de carne enxuta.

Daí ter sido muito usado nos hemisférios nevados para retemperar os *Bos Taurus*, comedores que são, como o monogástrico Homem, de proteínas pré-formadas e grãos de cereais. E, também, atraiu o zootecnista brasileiro Felisberto Camargo pensando em leite e carne para a Amazônia de calor e umidade rigorosos.

Quando a produtividade for avaliada não pela produção individual de cada vaca ou peso absoluto de cada boi e sim pela produção no tempo de cada hectare que terá ocupado com a criação, sob ótica racional da dupla função – o caminho do Brasil molhado ou seco – a eclética raça *SINDI* será estrelada na Constelação pecuária de nosso País. Do Brasil pioneiro mundial na seleção funcional de zebuínos, que tornou-se, por causa deles, um dos poucos do mundo que criam um bovino por habitante e pode, como ninguém, oferecer a seu povo, proteínas nobres a baixo custo.

Manelito Dantas